



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS DE GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE HISTORIA

MARIA CRISTINA TORRES DOS PASSOS

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA

GUARABIRA/PB
DEZEMBRO/2014

MARIA CRISTINA TORRES DOS PASSOS

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso ao Departamento de Ciências Humanas, Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus III, como cumprimento para obtenção do grau em Licenciatura em História.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Marisa Tayra Teruya

GUARABIRA/PB
DEZEMBRO/2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P289b Passos, Maria Cristina Torres dos
Breves considerações sobre o cinema e ensino de história
[manuscrito] : / Maria Cristina Torres dos Passos. - 2014.
18 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2014.
"Orientação: Marisa Tayra Teruya, Departamento de".

1. Metodologia. 2. Cinema. 3. História. I. Título.

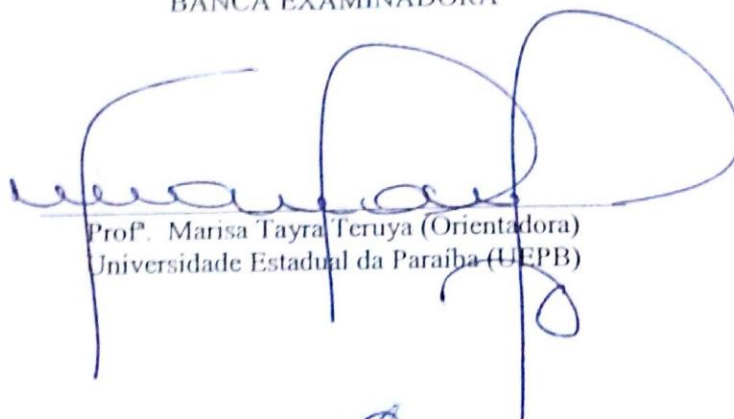
21. ed. CDD 981

MARIA CRISTINA TORRES DOS PASSOS


BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA

Aprovada em: 03/DEZEMBRO/2014.

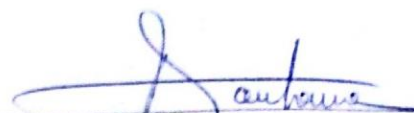
BANCA EXAMINADORA



Prof. Marisa Tayra Teruya (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Luciana Calissi
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Flávio Carreiro de Santana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

**GUARABIRA/PB
DEZEMBRO/2014**

Ao meu esposo e amigo Júlio César, pela dedicação, companheirismo e apoio durante toda a minha jornada acadêmica e por todos os momentos presentes em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Senhor Jesus Cristo por sempre me amparar nos momentos mais difíceis da minha vida e por seu amor infinito para conosco.

À minha orientadora Dr^a Marisa Tayra Teruya, por sempre acreditar em mim e por me auxiliar durante esses longos anos de vida acadêmica com suas sugestões, tempo e sua enorme paciência comigo.

Aos meus familiares, pais, irmãos, parentes e amigos por estarem sempre ao meu lado, dando-me força.

Aos professores do Curso de licenciatura plana em História da UEPB, em especial, Luciana Calissi e Flávio Carreiro de Santana, que aceitaram participar da banca da minha defesa e que durante o curso contribuíram direta e indiretamente para minha formação.

Aos funcionários da UEPB pela presteza e atendimento nos momentos por mim necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA

Maria Cristina Torres dos Passos Sousa

RESUMO

O cinema, enquanto entretenimento, atrai pessoas de todas as idades e camadas sociais e nas últimas décadas, incorporou-se à sala de aula como importante ferramenta didática. Além da abrangência de temas que podem ser abordados numa aula de História, a dinâmica cinematográfica, a interação entre o mundo e a escola, entre o real e o imaginário. Este artigo consiste numa breve apresentação do cinema enquanto ferramenta pedagógica, com algumas orientações técnicas e metodológicas para o trabalho do professor em sala de aula. Assim refletimos a partir de alguns autores, tais como: Marcos Napolitano (2003), Barros (2007), Lopes (2010), que darão suporte teórico, na construção desse trabalho. Inicialmente apresentaremos as contribuições destes teóricos sobre a importância e uso do cinema como elemento pedagógico nas aulas de história e posteriormente as minhas dificuldades e acertos enquanto docente ao aplicar o cinema nas aulas de história na turma de 9º ANO do Colégio Nossa Senhora do Carmo-Nova Cruz/RN.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia. Cinema. História

1. INTRODUÇÃO

A utilização do cinema como ferramenta pedagógica passou a ser mais amplamente utilizada com o advento de correntes historiográficas, entre as quais, a Nova História, que levou os historiadores a analisar os elementos não escritos como fontes históricas. É neste contexto das novas possibilidades da produção do conhecimento histórico que o cinema vai fazer parte do universo pedagógico dos professores, levando a escola “a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte” (NAPOLITANO, 2003, p. 11-12).

Neste sentido, este artigo busca em alguns estudos, como NAPOLITANO (2003), BARROS (2007), LOPES (2010) e outros, compreender os possíveis caminhos que o professor possa seguir para o bom uso do cinema nas aulas de história. Além de apresentar minha experiência ao passar o filme *Batismo de Sangue* do cineasta Helvécio Rattton com os alunos do 9º ANO do colégio Nossa Senhora do Carmo, localizado na rua Prof. Josépio de Almeida Duarte, 155 na cidade de Nova Cruz/RN, tal experiência possibilitou a discussão nas aulas de história de temas como a liberdade de empresa, ditadura militar, democracia e processo histórico que se deu a volta da democracia no Brasil.

Para iniciar, segundo Napolitano (2003) é necessário que o professor tenha um mínimo de conhecimento possível sobre a ciência cinematográfica. Faça um bom planejamento que contemple desde a averiguação do material físico da escola (aparelhos áudios visuais) a escola do filme. Tal aspecto apresentado por Napolitano é essencial para que o professor se sinta mais seguro ao escolher o material ideal para ser utilizado em sala de aula e desta forma possa atender as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre o uso de novas fontes historiográficas.

2. Cinema enquanto fonte

O cinema faz parte da nossa sociedade há anos, possui um poder de interagir e transmitir informações que atingem grande parte da nossa sociedade, além de mencionar que é visto por todas as idades. No entanto, apesar de estar engajado nos meios culturais, o mesmo começou a ser usado como recurso didático na escola recentemente. Esta aplicabilidade do

cinema como recurso didático só foi possível com o surgimento de novas correntes historiográficas. Durante todo século XIX e no início do século XX os historiadores aceitavam como fontes históricas apenas documentos escritos. Este pensamento faz parte de uma corrente historiográfica chamada positivista, que baseava-se no princípio da linearidade do tempo. Segundo Marc Ferro (1976, p.201), na ótica positivista, o filme não pode ser considerado um documento histórico. Para eles o que não era escrito não era valorizado enquanto registro histórico. Esta visão linear do tempo que conduzia os historiadores a aceitar apenas como fontes históricas documentos escritos mudou a partir de 1960 com a chegada da Nova História. Segundo Le Goff (1996), a Nova História ampliou a noção de documento ao possibilitar aos historiadores trabalhar outras fontes além da escrita. Para ele, todo documento é digno de veracidade e depende apenas do historiador como analisar.

Segundo BARROS (2007), o cinema pode ser visto e entendido como uma nova linguagem cultural que permite ao professor conjugar meios e formas para despertar o interesse do aluno em relação aos conteúdos abordados em sala de aula, como também possibilita a resolução da falta de estímulo as aulas de história.

“Cinema e História, enfim, estão destinados a uma parceria que envolve intermináveis possibilidades. O Cinema enquanto forma de expressão será sempre uma riquíssima fonte para compreender a realidade que o produz, e neste sentido um campo promissor para a História, aqui considerada enquanto área de conhecimento. Como ‘meio de representação’, abre a esta mesma História possibilidades de apresentar de novas maneiras o discurso e o trabalho dos historiadores, para muito além da tradicional modalidade da literatura que se apresenta sob a forma de livro.”.
(BARROS, 2007, p. 49)

Desta maneira, o cinema passar a ser mais uma fonte historiográfica que possibilita o historiador trabalhar o real e o imaginário além de torna-se objeto metodológico para as aulas de história. Dentro desta perspectiva, o professor passa a superar o tratamento tradicional dado ao documento histórico e traz a sala de aula uma nova forma de análise histórica, que utiliza uma linguagem atual que faz parte da vida de todos nós.

Segundo Schmidt e Cainelli (2005), a Nova História mudou a forma de utilização do documento histórico:

“No caso do ensino de História, a utilização de documentos tornou-se uma forma de o professor motivar o aluno para o conhecimento histórico, de estimular suas

lembranças e referências sobre o passado e, dessa maneira tornar o ensino menos livresco e dinâmico. [...] Estimulou-se o uso de mapas históricos, gravuras, filmes, que permitiriam refazer as imagens do passado ou fazer o aluno, ele mesmo, imaginar como era o passado.” (SCHMIDT; CAINELLI, 2005, p. 93).

É nessa ampliação do conceito de documento fruto da Escola dos Annales que o cinema vem encontrar seu espaço na historiografia recente. E por se tratar de uma nova linguagem requer do professor uma nova técnica de análise. É o que menciona os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's de História ao falar sobre os documentos históricos:

Os documentos são fundamentais como fontes de informações a serem interpretadas, analisadas e comparadas. Nesse sentido, eles não contam, simplesmente, como aconteceu a vida no passado. A grande maioria não foi produzida com a intenção de registrar para a posteridade como era a vida em uma determinada época; e os que foram produzidos com esse objetivo geralmente tendem a contar uma versão da História comprometida por visões de mundo de indivíduos ou grupos sociais. Assim, os documentos são entendidos como obras humanas que registram, de modo fragmentado, pequenas parcelas das complexas relações coletivas. São interpretados, então, como exemplos de modos de viver, de visões de mundo, de possibilidades construtivas, específicas de contextos e épocas, estudados tanto na sua dimensão material (elementos recriados da natureza, formas, tamanhos, técnicas empregadas), como na sua dimensão abstrata e simbólica (linguagens, usos, sentidos, mensagens, discursos).

Saber interpretar as novas fontes historiográficas tornou-se mais que uma necessidade para os professores, pois nos encontramos em uma era da informação onde as mídias exercem grande influência na vida das sociedades contemporâneas. O historiador Marc Ferro (1992) chama atenção a aqueles que querem utilizar filmes em sala de aula, para uma percepção de filme como uma fonte tanto daquilo que o autor busca expressar como do que está contido nas narrativas e pode proporcionar uma aprendizagem ao aluno sobre o tema trabalhado. Mas para alcançar o resultado esperado o professor deve adquirir métodos que o possibilite ser um mediador entre o filme e os alunos.

Cinema e métodos de uso

Nesta parte do texto, apresentamos alguns pesquisadores e suas ideias de como utilizar o cinema em sala de aula, antes, durante e depois. Assim, segundo Freire (1996), para que o

professor torne-se um mediador é necessário que possamos entender que ensinar vai além de só transmitir conhecimento, mas permitir que o aluno construa seu próprio saber.

É preciso que. [...] vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que [...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p. 12-25).

Para esta construção, cabe ao mediador-professor utilizar métodos e técnicas, além dos recursos didáticos que venha a ter disponível como ferramentas metodológicas que podem contribuir na mediação entre o aluno e o conhecimento. Entre estes recursos, o cinema, segundo Napolitano (2003, p. 18) torna-se indispensável, por “desenvolver competências e habilidades diversas nos alunos”, além de poder “abordar temas e conteúdos curriculares das diversas disciplinas que formam as grades do ensino fundamental e médio, tanto de escola pública como particular”. Seguindo o mesmo pensamento sobre o uso do cinema no ensino de História vejamos o que diz LOPES (2010):

Outro importante aspecto que favorece o uso do cinema em sala de aula é o fato de ser uma linguagem com a qual os alunos estão familiarizados, graças principalmente à TV. [...] A maior materialidade da linguagem cinematográfica, devido principalmente a imagem, possibilita ao aluno uma mais fácil compreensão de conceitos, hábitos, costumes e fatos histórica e culturalmente distantes no espaço e no tempo, driblando desse modo, a natural dificuldade de abstração. (LOPES, 2010, p.93)

Assim, como qualquer outra atividade docente, a utilização do cinema como recurso didático nas aulas de história requer planejamento, é o que afirma Napolitano “...toda atividade deve ser muito bem planejada e acompanhada pelo professor...” (2003, p.26). Logo, podemos compreender que o sucesso ou o fracasso deste recurso no processo de ensino-aprendizagem depende simplesmente da preparação e do planejamento do professor. Napolitano (2003), também, chama atenção dos professores que querem utilizar o cinema nas aulas de história a terem um mínimo de conhecimento possível sobre a ciência cinematográfica. Para Ele, saber um pouco da história do cinema, de suas linguagens e dos estilos de filmes produzidos são informações básicas que podem ajudar o docente na utilização desse recurso:

“... o professor não precisa ser crítico profissional de cinema para trabalhar com filmes na sala de aula. Mas o conhecimento de alguns elementos de linguagem cinematográfica vai acrescentar qualidade ao trabalho”. (Napolitano, 2003:57)

Além de Planejamento e o conhecimento mínimo sobre cinema, Napolitano (2003), levanta vários outros pontos importantes a serem observados pelo docente acerca dos filmes, antes que este seja executado. Ele dar uma importância muito forte a escolha do filme, ou melhor, em saber escolher o filme. Segundo Ele, os professores devem pensar nos filmes a serem escolhidos, levando em consideração a duração, a linguagem e ao estilo que melhor se adequa aos conteúdos de histórias que se quer trabalhar e também qual resultado poderá ser atingido.

o professor deve levar em conta o problema da adequação e da abordagem [...] seus objetivos gerais e específicos [...] articulação com o currículo e/ou conteúdo discutido, com as habilidades desejadas e com os conceitos discutidos... (NAPOLITANO, 2003, p. 16)

Outro ponto mencionado por Napolitano (2003), é que os filmes não devem apenas se adequar aos conteúdos, mais também ao público alvo, fazendo-se necessário observar a faixa etária, os níveis de conhecimento e aprendizagem de cada turma. Além de levar em consideração a preferência dos alunos, qual estilo, formato e durabilidade fazem parte do gosto da maioria dos alunos.

Essas e outras questões podem fazer parte de um pequeno questionário que ajudará ao professor saber que estilo e linguagem trará melhores resultados à turma. Desta forma procura-se evitar a seleção de filmes que se tornem cansativos para os alunos, além de um resultado não desejado. Outro ponto não menos importante levantado por Napolitano é a observação da estrutura física da escola. Deve o professor verificar se a escola dispõe de todos os equipamentos necessários para execução desta atividade, além de testar antes todos os equipamentos, caso contrário, o resultado esperado talvez não seja atingindo em sua totalidade, tendo em vista que não adianta ter um filme que atendas as expectativas anteriormente citadas se não tiver uma estrutura física, como também os equipamentos tecnológicos adequados e funcionando.

Feito e observados os pontos mencionados anteriormente, Napolitano (2003, p. 82) ainda sugere que o professor comesse as atividades fornecendo informações acerca do filme.

Segundo ele, é importante elaborar um roteiro, que contemple informação e interpretação, com intuito de “estabelecer alguns parâmetros de análise com base nos objetivos da atividade.”

Assim, conforme afirma THIEL (2009), a interpretação do filme não será mero achismo, nem tão pouco será conduzida a uma interpretação pré-estabelecida pelo professor, mais o aluno será capaz de fazer sua própria análise.

Um primeiro momento da análise de um filme implica observação dos seus elementos constitutivos, que serão isolados e descritos. O momento seguinte é o da interpretação, realizada com argumentos que a fundamentem [...] Apesar disso, a interpretação ainda será subjetiva ... (THIEL & THIEL, 2009, p. 21)

Com base nas informações e observando os parâmetros sugeridos anteriormente, dar-se início a execução do filme e logo após sua exibição, cabe ao professor agir sempre como mediador, provocando novas leituras e interpretações permitindo que os alunos expressem suas opiniões e que possam fazer novas releituras acerca das informações contida no filme e o assunto abordado em aulas anteriores, é o que afirma Napolitano:

“... a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas” [...] incentivar “o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. (Napolitano, 2003:15)

Quando Napolitano (2003, p.15) menciona que a metodologia cinema possibilitar o professor a incentivar “o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico”, e que possa ser capaz de fazer “relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar” abre-se a possibilidades, e uma delas, é que podemos usar tal método para promover a democracia racial e diminuir o pré-conceito contra os afros-descendentes. Já que, desde 2003, a disciplina de história, pela Lei 10639, passou a ser um dos meios para o estudo da História da África e dos afro-brasileiros.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (Lei 10639/2003)

Ao fazer uso do cinema como documento, a História tem uma grande quantidade de filmes que podem ser trabalhados pelo professor na tentativa de construir novos conceitos e valores entre os alunos.

o professor deve levar em conta o problema da adequação e da abordagem por meio de reflexão prévia sobre os seus objetivos gerais e específicos. [...] adequação à faixa etária e etapa específica da classe na relação ensino-aprendizagem. (NAPOLITANO, 2003, p. 16)

Segundo Napolitano (2003, p.14) o filme pode proporcionar nos alunos reações de “emoção ou tédio, de envolvimento ou displicência”. Por isso, se faz necessário que o professor saiba escolher o filme seguindo os critérios anteriormente citados pelos autores e também torna-se um mediador entre o conhecimento científico e o aluno. Em relação a alguns benefícios oferecidos pelo recurso, devemos compreender o nosso papel em quanto professor que, além de mediador, precisa ser um conhecedor e dominar a metodologia aplicada. Uma produção fílmica não pode fazer e não faz sozinho o papel de despertar o conhecimento nos alunos. Assim, é importante que o docente tenha um certo preparo, o qual precisa estar disposto a planejar o que vai apresentar. Para tanto, tem que estudar o tema do filme e também refletir como melhor adequá-lo ao eixo a ser trabalhado, sabendo diferenciar o que é proveitoso do que é apenas cômodo para os alunos e para si mesmo. “A humanidade aprendeu, desde tempos imemoriais, que contar histórias era uma boa maneira de transmitir conhecimento. O cinema não ficou imune a essa fórmula” (DUARTE, 2002, p. 63). O professor precisa ficar atento a essa “fórmula” e utilizá-la de maneira criativa, pois os alunos leem e decodificam mais facilmente imagens do que palavras, conseguindo, por meio delas, remontar idéias, atitudes, conflitos e histórias que, de outra forma, seriam desinteressantes.

Um relato de experiência

No dia 20 de abril do corrente ano vivenciei uma experiência pedagógica que fez uso do cinema como fonte histórica. Na tentativa de incrementar a aula de história e obter a participação dos alunos para discutir o capítulo do livro didático sobre a Ditadura Militar no Brasil fiz uso do filme, Batismo de Sangue, lançamento no dia 20 de abril de 2007 (Brasil) que tem como diretor Helvécio Ratton e roteiristas Helvécio Ratton e Dani Patarra. O filme

conta a história de fatos ocorridos no final da década de 1960 com frades do convento dos dominicanos localizado na cidade de São Paulo, que se tornou uma das mais fortes resistências à ditadura militar vigente no Brasil. Este elemento pedagógico foi utilizado na aula de história do segundo bimestre com a turma do 9º ano do Colégio de Nossa Senhora do Carmo. Esta Instituição de Ensino pertence a congregação das Irmãs Franciscanas do Bom Concelho e tem como diretora Madre Irmã Espedita Valério. O Nossa Senhora do Carmo está localizado na Rua Professor Josépio de Almeida Duarte nº 155 | Centro - Nova Cruz RN. O Colégio possui uma ampla estrutura física de 26 salas. Ela funciona nos turnos matutino e vespertino com as séries do Infantil, Ensino Fundamental I e II e do Ensino Médio.

O Colégio conta com recursos em multimídia modernos e materiais pedagógicos como: sala de vídeo, laboratório de informática, sala com quadro interativo, sala de ballet, auditório, sala de Orientação Religiosa, biblioteca com um bom acervo de livros e revistas educativas, ginásio de esportes que é utilizado para práticas esportiva dos alunos, Data show, aparelhos eletrônicos como: TV, DVD, SOM, QUADRO INTERATIVO. Atualmente atende aproximadamente 1.000 alunos divididos nos dois turnos. A escola possui uma cantina arejada, pátio com espaço amplo, salão de festa e uma capela.

A turma do 9º Ano em seu registro diário marca 50 alunos matriculados, numa faixa etária entre 13 e 15 anos. É uma turma grande, onde todos se conhecem por terem em sua maioria estudado desde as series iniciais na mesma escola e com os mesmos colegas, o que favorece a interação e o trabalho em equipe. Para a análise do filme, a turma foi dividida em 10 equipes de 5 alunos por critério de afinidade. A exibição do filme foi utilizada como ponto de partida para as atividades. Entretanto deve lembrar que o filme Batismo de Sangue só foi apresentado aos alunos após termos estudado com o livro didático o capítulo sobre Ditadura Militar.

Para nortear a discussão, durante a exibição, foram estruturadas pausas dialogadas naquelas cenas em que os conteúdos estavam mais evidentes. A intervenção foi dividida em dois momentos: o primeiro momento foi a cena em que dois dominicanos foram levados pelos militares e em seguida torturados por policiais que pretendiam saber por meio da força onde encontrar o líder da ALN (Aliança Libertadora Nacional), Mariguella. A cena foi utilizada para discutirmos o tema principal Ditadura Militar, e outros subtemas apresentados pelos alunos como, quem são os dominicanos, que relação existe entre a Igreja Católica e a ditadura Militar, tortura e violência. No segundo momento, a cena em discussão foi a que narra a visita de Frei Tito ao Sítio em Ibiúna que foi a sede o Congresso da UNE. Em sequência, a cena

mostra o transporte dos estudantes até o local. A chegada dos militares e a prisão arbitrária de todos que estavam no local. Com esta parte do filme, discutimos a importância do movimento estudantil na mudança política do Brasil, e como se deu os movimentos de resistência a ditadura. Após o término do filme, Foi entregue a cada membro das equipes uma ficha catalográfica com intuito de escreverem como o filme abordaria o tema Ditadura Militar. Assim atenderia um dos pontos apresentado por Marco Napolitano (2003) quando se quer fazer uso do cinema como elemento pedagógico, se faz necessário proporcionar aos alunos questionamentos. Com posse do roteiro de pesquisa teriam que discutir inicialmente sobre os aspectos políticos dos anos 60-80 apresentados no filme e em seguida materializa-los em uma produção textual. Os grupos também realizaram uma pesquisa extraclasse, que teve como objetivo obter informações sobre o período estudado por meio de outras fontes, como entrevistas, músicas e internet.

Após as pesquisas extraclasse, na semana seguinte a exibição do filme, os alunos apresentaram suas produções textuais e também as descobertas obtidas por meio de outras fontes, não livro didático. Alguns apresentaram as entrevistas que fizeram com pessoas que vivenciaram o momento, outros trouxeram músicas que falam sobre a resistência à ditadura militar e também as interpretações que fizeram da moda, da cultura e a arte deste período.

Observou-se um cuidado não só de como o uso do cinema foi importante como ferramenta pedagógica, como abriu para os alunos novos horizontes sobre fontes históricas. Pois passaram a perceber que tudo que tem a marca humana pode se torna uma fonte histórica e um elemento prazeroso ao estudá-lo.

Ao avaliar os relatórios e a participação dos alunos nos debates nos fizeram concluir que houve um bom envolvimento deles nas atividades com a utilização do vídeo. Desse modo, podemos dizer que o uso de filmes enquanto recurso didático cresce a cada dia, possibilitando que o aluno adquira mais conhecimentos sobre um tema específico e ao mesmo tempo desenvolva novas competências e habilidades e tenha mais gosto pelas aulas de História. Também, podemos compreender o quanto é importante fica sempre atento aos requisitos apresentados por Napolitano e Barros a serem seguidos antes do uso do cinema em sala de aula, pois muitas vezes, tal método pode não ter bom êxito. Nesta minha experiência, tive alguns atropelos em relação a conquista do filme, já que minha cidade não dispõe de uma boa locadora de filmes históricos, assim tive que baixá-lo pela internet e gravá-lo em um DVD, porém ao tentar passar o filme o aparelho DVD não leu a mídia que gravei e só consegui passa para os alunos por causa da equipe de informática da escola que nos trouxeram o

notebook e um data show. Após avaliar o método em uso, podemos compreender que sempre temos que explorar todas as possibilidades de uso disponível e também ter sempre um segundo plano de aula.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que o cinema passou a ser usado como ferramenta pedagógica pelos professores das diversas áreas do saber há mais de meio século e que são poucos os estudos sobre tal aplicabilidade, assim existe muito o que se falar sobre as formas de empregá-lo em sala de aula na tentativa de alcançar o ensino aprendizagem dos alunos. Segundo Napolitano para o bom uso do cinema nas aulas de história, o professor deve primeiro fazer um estudo sobre a história do cinema, além de buscar saber a época e também que movimento cinematográfico pertence o filme, além de saber que tipo de linguagem que este ou aquele diretor costuma empregar em suas obras. Assim, saberá adequar o filme à idade e série dos alunos que pretende atingir além de falar sobre o assunto de forma segura. Após esses aspectos o professor deve ter um plano de aula que contemple objetivos claros, tanto para se quanto para os alunos. Segundo Napolitano, para que o filme cumpra seu papel como elemento pedagógico e possa ser compreendido como fonte histórica pelos alunos deve-se sugerir um roteiro de estudo sobre o filme que possa ser aplicado antes e depois da exibição. Este roteiro fica a critério do professor, mais deverá conter elementos que contemple dados técnicos, históricos e culturais presentes no filme. Além de possibilitar indagações nos alunos sobre outros os possíveis temas que venha a se relacionar o material em estudo. Após a exibição do filme e a coleta dos dados, é importante discutir com os alunos as informações contidas na linguagem fílmica de forma que eles exponham as interpretações geradas durante a exibição do filme.

Neste sentido o professor torna-se apenas um mediador na conversa, auxiliando os alunos na compreensão das relações dos conteúdos com o filme. Conseqüentemente a tal discussão os alunos serão capazes de perceber a estética, a ideologia e os valores sociais presentes no filme e fazer valer que o cinema, quando empregada de forma correta, é um bom elemento pedagógico para o ensino de história. Nas palavras de Duarte (2002), reiteramos que é preciso uma maior atenção e disposição dos professores que queiram fazer uso de tal método em suas aulas para “compreender a pedagogia do cinema, suas estratégias e os recursos de que ela utiliza para seduzir, de forma tão intensa, um considerável contingente, sobretudo de jovens” (p. 21).

Concluimos, nesse trabalho de indagação sobre o cinema como linguagem da história, que as imagens e os sons têm muito a ensinar, que a educação estética do olhar pode motivar alunos a se interessarem pelo conhecimento, pela pesquisa, de modo mais criativo e

envolvente que o ensino tradicional. E que é um grande elemento pedagógico, quando utilizado de maneira correta para as aulas, não só da disciplina de história, como qualquer outra disciplina escolar.

REFERENCIAS:

- BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre a análise fílmica. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4ª ed. São Paulo: UNICAMP, 1996.
- LE GOFF, Jacques. **A história nova**. 4. ed São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene Rosa. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2005.
- THIEL, Grace Cristiane; THIEL, Janice Cristine. **Movies takes: a magia do cinema na sala de aula**. Curitiba: Aymar, 2009.
- SANT'ANA, Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre racismo e seus derivados. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

FICHA TÉCNICA do FILME,

Gênero: Drama

Direção: Helvecio Ratton

Roteiro: Dani Patarra, Helvecio Ratton

Elenco: Ângelo Antônio, Caio Blat, Cássio Gabus Mendes, Daniel de Oliveira, Léo Quintão, Marcélia Cartaxo, Marku Ribas, Odilon Esteves

Produção: Helvecio Ratton

Fotografia: Lauro Escorel

Trilha Sonora: Marco Antônio Guimarães

Duração: 110 min.